

**DIGRESSÕES PRELIMINARES SOBRE AS CONJUNÇÕES,  
USADAS POR HORÁCIO EM SUA ODE I, DO *LIBER I***

*José Mario Botelho* (UERJ, ABRAFIL e SLR)  
[botelho\\_mario@hotmail.com](mailto:botelho_mario@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho almeja apresentar comentários críticos sobre o comportamento estilístico-sintático das conjunções contidas na *Ode I*, do *Liber I*, de Horácio, em comparação com o comportamento que descreve Bonnet (2005) em *Dosithée: Grammaire Latine*, acerca de tais elementos conjuntivos. A contextualização, baseada no relacionamento de cada uma das conjunções destacadas da referida ode horaciana, com os demais termos da frase em que elas figuram, será enfatizada neste trabalho. Decerto, tal relacionamento constitui o objeto de estudo fundamental desta breve pesquisa, não só porque se trata da característica *sine qua non* do item gramatical em destaque, mas também porque o objetivo principal deste estudo é atestar a aplicabilidade dos comentários didático-científicos e doutrinários de Dositeo, citado por Bonnet, na obra acima referida.

**Palavras-chave:** Conjunções. Horácio. Ode I.

**1. Introdução**

O objetivo deste trabalho constitui apresentar comentários críticos sobre o comportamento estilístico-sintático das conjunções contidas na *Ode I*, do *Liber I*, de Horácio, em cotejo com o que apresenta Guillaume Bonnet (2005) em *Dosithée: Grammaire Latine* (texto latino de Dositeo, traduzido para o francês por Guillaume Bonnet), acerca de tais elementos conjuntivos.

A contextualização, baseada no relacionamento de cada uma dessas conjunções, destacadas da referida ode horaciana, com os demais termos da frase em que elas figuram, será enfatizada neste trabalho. Decerto, tal relacionamento constitui o objeto de estudo fundamental desta breve pesquisa, não só porque se trata da característica *sine qua non* do item gramatical em destaque, mais também porque o objetivo principal deste estudo é atestar a aplicabilidade dos comentários científico-didáticos e doutrinários de Dositeo.

Logo, partiremos da concepção de que o item denominado “conjunção” se refere a “unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado” (BECHARA, 2002, p. 320) ou, como o próprio Dositeo (*Apud BONNET, op. cit.*) afirma: “A conjunção é uma parte do dis-

curso que liga e ordena um pensamento (ou opinião)”<sup>14</sup>.

Para a efetivação do presente texto, que terá caráter digressionador por excelência, apresentaremos alguns aspectos teóricos acerca da conjunção e de aspectos estilístico-sintáticos, compilados de Jules Marouzeau (1949 e 1953) e do próprio Dositeo, o que constituirá uma breve fundamentação teórica.

Assim, esperamos constatar a efetiva função das conjunções estudadas na ode horaciana, destacada, em cotejo com as explicações dadas por Dositeo.

Apresentaremos, também, todo o texto-objeto em forma original (*apud* Les Belles Lettres, 1967, p. 6-7) e sua tradução (inérita) para a língua portuguesa, acompanhada dos nossos breves comentários críticos, de caráter estilístico-sintático, relacionados a cada conjunção utilizada por Horácio na referida ode.

## 2. Breve fundamentação teórica

### 2.1. Aspectos teóricos acerca da “conjunção”

Basear-nos-emos, em princípio, na afirmação feita por Bechara (2002) sobre o fato de a língua portuguesa possuir certas unidades, de origem latina, que têm a função primordial de ligar orações numa mesma frase, estabelecendo uma coordenação ou uma dependência entre elas.

Daí, serem tais unidades, denominadas pelos estudiosos em gramática, mais especificamente em sintaxe, como conjunções ou elementos conjuntivos, de tais tipos: coordenativas e subordinativas.

Assim como o português, as outras línguas neolatinas e o próprio latim, também apresentam tais elementos conjuntivos.

Jules Marouzeau (1949) destinou o terceiro capítulo de seu *L'ordre des mots dans la phrase latine, Tomo III: Les articulations de l'énoncé*, para explanar sobre os acessórios e os conjuntivos.

O referido autor inicia o tal capítulo, afirmando que, no indo-europeu, tais palavras, que eram “não autônomas, eram submetidas a

---

<sup>14</sup> “Coniunctio est pars orationis nectens ordinansque sententiam.” (DOSITEO, *apud* BONNET, 2005, p. 87)

uma construção particular: elas tendiam a ocupar na frase a segunda posição<sup>15</sup>. Tal afirmação, esclarece o próprio Jules Marouzeau, decorre de uma lei estabelecida por Wackernagel (1892, p. 333-436) para os enclíticos.

Jules Marouzeau lembra que essa lei, que foi melhorada por Meillet (1922, p. 21), deixou muitos traços em latim.

Depois de digressionar sobre os acessórios, o autor faz referência à qualidade das partículas que, atualmente, são tidas como conjunções, do tipo copulativas como: “*et, nec, -que*”; adversativas como: “*at, sed, tamen*”; explicativas como: “*enim, etenim, nam*”; asseverativas como: “*equidem, quidem, sane*”; conclusivas como: “*igitur, itaque*”; e outros subordinantes como: “*quod, quia, seu, si, ut*”.

Depois, comenta sobre o tratamento dessas palavras conjuntivas ao longo da história da língua latina e as duas tendências contraditórias, que caracterizam tal tratamento.

(...) uma a manter estritamente a aplicação da lei para certos termos (*autem, quidem*), e mesmo para desdobrá-la a palavras novamente depostas de sua autonomia (*namque, etenim*); outra a interpretar largamente a obrigação, fazendo recuar os termos interessados até o interior da frase, ou a negligenciá-la totalmente, deixando, por exemplo, os relativos e os subordinantes ocupar a posição inicial<sup>16</sup>. (MAROUZEAU, 1949, p. 70 – Tradução livre)

Em seguida, Jules Marouzeau apresenta cada tipo de conjunções, distribuindo-as em 6 (seis) grupos: copulativas e disjuntivas, adversativas e restritivas, asseverativas e intensivas, explicativas e confirmativas, consecutivas e conclusivas e os relativos e conjuntivos.

Nesses subcapítulos, para cada conjunção ou elemento conjuntivo, o autor apresenta comentários sobre a sua colocação na declaração e os aspectos estilístico-semânticos decorrentes. A quantidade de exemplos retirados de diversas obras de diferentes autores é exuberante, sobre ser cansativa, o que clarividência o tema estudado.

---

<sup>15</sup> “*Les mots non autonomes sont soumis en indo-européen à une construction particulière: ils tendent à occuper dans la phrase la place seconde.*” (MAROUZEAU, 1949, p. 6)

<sup>16</sup> “*(...) l'une à maintenir strictement l'application de la loi pour certains termes (autem, quidem), et même à l'étendre à des mots nouvellement déçus de leur autonomie (namque, etenim); l'autre à interpréter largement l'obligation en faisant reculer les termes intéressés jusque dans l'intérieur de la phrase, ou à la négliger totalement, en laissant, par exemple, les relatifs et subordinants prendre la place initiale.*”

Convém lembrar que em outra obra (*L'ordre des mots em latin*, 1953), Jules Marouzeau também trata das conjunções, distribuindo-as, praticamente, nos mesmos 6 (seis) tipos, tecendo comentários semelhantes e ilustrando com exemplos de diversos autores de forma mais comedida, porém não menos elucidativa.

O item “*III Conjunctions*” (“III As Conjunções”) é iniciado, porém, com o seguinte comentário: “179 – As articulações da declaração são realizadas por termos semelhantes às palavras adverbiais, que denominamos conjunções”<sup>17</sup>. (*Idem*, 1953, p. 69 – Tradução livre)

Por fim, em ambas as obras, ele critica aquela lei, que descrevia uma colocação fixa – segunda posição – para os elementos conjuntivos, denominando-a *caduca*, porquanto em latim normalmente tais elementos ocupam a primeira posição, mas podem figurar em outras por razões diversas: reminiscências, afetações, extensões análogas, explorações estilísticas, entre outras. Tanto que em *L'ordre des mots dans la phrase latine, Tomo III: Les articulations de l'énoncé*, que tende à análise estilístico-sintática, o autor conclui que

(...) o caráter artificial da construção é destacado pela linguagem literária, e essencialmente a linguagem dos poetas, em uso com uma grande liberdade, seja para a constituição de fórmulas e clichês, seja por comodidade métrica, seja em vista de efeitos de estilo, particularmente para enfatizar a palavra inicial, a partícula sendo utilizada como elemento disjuntivo entre dois dependentes tais como adjetivo-substantivo<sup>18</sup>. (*Id.*, *ibid.*, p. 136 – Tradução livre)

## 2.2. Sobre as conjunções, segundo Dositeo

Em *Dosithée: Grammaire Latine (Op. cit.)*, Dositeo desenvolveu o item “*De Coniunctione*” (“Sobre a conjunção”), tecendo comentários particularizantes e interessantes, acerca das conjunções da língua latina.

O autor inicia o seu texto, afirmando, como já mostramos na Introdução desta pesquisa, que a conjunção é um elemento do discurso, a

---

<sup>17</sup> “179. *Les articulations de l'énoncé sont réalisées par des termes apparentés aux mots adverbiaux, qu'on appelle conjunctions.*”

<sup>18</sup> “*Le caractère artificiel de la construction est souligné par le fait que la langue littéraire, et essentiellement la langue des poètes, en use avec une grande liberté, soit pour la constitution de formules et clichés, soit par commodité métrique, soit en vue d'effets de style, particulièrement pour mise en relief du mot initial, la particule étant utilisée comme élément disjonctif entre deux appartenants tels que adjectif-substantif.*”

qual tem como função fundamental fazer a ligação e a ordenação da declaração (Cf. BONNET, *op. cit.*, p. 87). No mesmo parágrafo, o autor revela a sua principal preocupação no que se refere à conjunção: a sua forma, a sua posição e o seu valor semântico.

Na conjunção, depreendem-se a forma, a posição, o valor. A forma é como ela se apresenta: ou ela é simples, como *quidem*, ou composta, como *equidem*; a posição é o lugar em que ela se apresenta: pode preceder, como *nam*, ou se prender depois, como *-que*, ou preceder e se prender depois, como *et*.

53. O valor das conjunções se distribui em 6 espécies: são, pois, copulativas, causais, causativas (ou consecutivas ou conclusivas), expletivas, disjuntivas, dubitativas<sup>19</sup>. (DESITEO *apud* BONNET, 2005, p. 87 – Tradução livre)

Como se pode constatar, a forma de uma conjunção pode ser simples, quando apresenta apenas uma raiz, como é o caso de “*aut, cum, et, ut, quidem*”, ou composta (ou combinada) em que se juntam mais de uma raiz, como é o caso de “*atque, eninvero, equidem, itaque, namque, quoniam*”.

Quanto à posição, refere-se tão somente à sua posição em relação a uma determinada palavra, à qual pode preceder, sem se prender (ou se ligar, sem deixar espaço) ou pospor, prendendo-se (ou se ligando mais propriamente), como ocorre com os enclíticos “*-que*” (em “*Ad regemque...*”), “*-ue*” (em “*In diemue...*”) ou “*-ne*” (em *Meministine?*). Não se trata, nesse caso, de colocação propriamente dita da conjunção na declaração, como discorre Jules Marouzeau (1949, p. 67 e 135-6 e 1953, p. 85), digressionando sobre as implicações estilístico-sintáticas, que decorrem da posição que ocupa a conjunção numa declaração.

Em relação ao valor (ou natureza), Dositeo distingue 6 (seis) espécies de conjunções quanto à sua capacidade semântico-pragmática. Assim, distribuem-se elas em: copulativas como: “*ac, et, seu, -que*”; causais como: “*enim, nam, quod, quoniam*”; causativas (ou consecutivas ou conclusivas) como: “*igitur, itaque, quapropter*”; expletivas (que são advérbios propriamente e exprimem, às vezes, conclusão ou finalidade) como: “*adeo, tamen, tandem, saltem*”; adjuntivas como: “*aut, nec, neque, neu,*

---

<sup>19</sup> “*Coniunctioni accidunt figura, ordo, potestas. Figura est qua apparet: aut simplex est, ut **quidem**, aut composita, ut **equidem**; ordo quo apparet quae praeponi tantum possit, ut **nam**; quae subiungi, ut **que**; quae praeponi et subiungi, ut **et**.*”

53. *Potestas coniunctionum in VI species diuiditur: sunt enim copulatiuae, causales, rationatiuae, repletivae, disiunctivae, dubitandi.*”

uel”; dubitativas (ou condicionais) como: “*nisi, seu, si, siue*”.

Em seguida, o autor comenta sobre o fato de algumas conjunções se fazerem acompanhar de uma forma verbal finita (de indicativo); algumas, de uma forma verbal optativa (semelhante ao subjuntivo) e outras, de uma forma verbal de subjuntivo.

Depois, mais detalhadamente, trata das conjunções que se adaptam a mais de uma expressão verbal, como é o caso de “*cum*”, que se faz acompanhar ora de indicativo ora de subjuntivo, segundo a sua qualidade: acompanha-se do indicativo quando se refere ao tempo em que se desenvolvem duas ações.

Também faz comentários dessa natureza em relação a: “*si*” (que se adapta ao indicativo ou ao subjuntivo), “*dum, num, antequam, postquam, ni e nisi*”, que também podem ser usadas com o indicativo e com o subjuntivo), “*quamquam*” (que pode ser usada com indicativo ou com o optativo), “*ut*” (que pode ser usada com indicativo ou com subjuntivo ou com optativo), “*ne*” (que se adapta ao imperativo ou ao optativo).

Por fim, apresenta vários valores semânticos das conjunções: “*aut e et*”, de forma sintética, porém, elucidativa em virtude dos exemplos apresentados. Desses valores, destaca-se aquele que Dosíteo afirma ter “*et*” o mesmo valor do enclítico “*-que*” (O que sugere ser esta a conjunção copulativa por excelência, e aquela, um uso de conjunção copulativa.), com a diferença de ser “*-que*” sempre enclítico, enquanto “*et*” precede o termo a que se refere e pode pospor-se a ele quando se apresenta redobrado (como em: “... *et premere et ... dare...*”), ainda que simples, porém, subentendida (como em: “*labitur..., mirantur et undae...*”).

### **3. Breves elucubrações sobre as conjunções da Ode I, do Liber I, de Horácio**

As observações que serão apresentadas abaixo são motivadas pelos comentários feitos por Dosíteo, os quais, às vezes, se nos mostram intrigantes, sobretudo, por não serem convencionais.

Como tais comentários se caracterizam como particularizantes, procuramos cotejar, por vezes, as explicações dadas por Dosíteo com o que estabelece Jules Marouzeau (1949 e 1953), no que se refere às conjunções, utilizadas por Horácio na ode em destaque, que é o escopo desta pesquisa. A saber, as conjunções em referência são: “*et, nec, neque, -que,*

*quod, ut, seu, si*”.

Convém ressaltar que tal ode foi selecionada entre as 38 (trinta e oito) odes, do *Liber I*, exatamente por ser a única, em que se podem observar tantas conjunções diferentes como essas. Nas outras 37 (trinta e sete) odes, Horácio fez um uso muito comedido das conjunções; nelas, não encontramos mais de quatro conjunções diferentes, e somente nas odes IV, VII e IX, pode-se observar uma incidência maior, porém com a repetição de um ou dois tipos.

Ó Mecenas, nascido de antepassados reais, meu sustentáculo e minha doce glória, há aqueles aos quais agrada ter juntado a poeira olímpica ao carro; e a meta evitada pelos carros ardentes e a nobre vitória eleva(m) a deuses os senhores da terra: este, se a turba dos inconstantes romanos se esforça para exaltá-lo com as três maiores dignidades; aquele, se no próprio celeiro escondeu tudo que se arrebatava das eiras líbias.

Que nunca se afaste quem alegre em abrir os campos pátrios com a enxada com promessas atálicas, para que, por meio de um navio, corte o Mar de Mirto o receoso navegante.

O mercador, que teme o África, que luta contra a agitação do Mar de Ícero, louva o ócio e aos campos de sua cidade. Depois, indócil em suportar a pobreza, refaz as naus avariadas.

Há aqueles que não desprezam nem os copos do velho Massico nem tirar uma parte do dia inteiro, ora prostrado com as pernas sob o arbusto verde, ora junto a uma fonte serena de água sagrada.

A muitos agradam os acampamentos e o som da trombeta, confundido com o (do) clarim, e as guerras detestadas pelas mães. Permanece em pleno ar frio, esquecido da tenra esposa, o caçador, ou se uma corsa se mostrou aos pequenos cães fiéis, ou se um javali de Marso rompeu as finas redes.

As heras, prêmios dos rostos sábios, unem-me aos deuses superiores; o bosque gelado e os coros suaves das Ninfas com os Sátiros me afastam do povo, se nem Euterpe proíbe as flautas nem Polímnia recusa afinar a lira de Lesbos.

Porém, se tu me colocares entre os poetas líricos, eu tocarei o céu com minha sublime cabeça.

O escopo de nossa análise é a seguinte ode (*Apud Les Belles Lettres. Horace, Odes et Épodes*, 1967, p. 6-7):

*Maecenas atavis edite regibus,  
o et praesidium et dulce decus meum,  
sunt quos curriculo puluerem Olympicum  
collegisse iuuat metaque feruidis  
5 euitata rotis palmaque nobilis  
terrarum dominos euehit ad deos;  
hunc, si mobilium turba Quiritium*

- certat tergemini tollere honoribus;  
illum, si proprio condidit horreo  
10 quicquid de Libycis uerritur areis.  
Gaudentem patrios findere sarculo  
agros Attalicis condicionibus  
numquam demoueat, ut trabe Cypria  
Myrtoum pauidus nauta secat mare.  
15 Luctantem Icaris fluctibus Africum  
mercator metuens otium et oppidi  
laudat rura sui; mox refecit rates  
quassas, indocilis pauperiem pati.  
Est qui nec ueteris pocula Massici  
20 nec partem solido demere de die  
spernit, nunc uiridi membra sub arbuto  
stratus, nunc ad aquae lene caput sacrae.  
Multos castra iuuant et lituo tubae  
permixtus sonitus bellaque matribus  
25 detestata. Manet sub Ioue frigido  
uenator tenerae coniugis inmemor,  
seu uisa est catulis cerua fidelibus,  
seu rupit teretis Marsus aper plagas.  
Me doctorum hederæ præmia frontium  
30 dis miscent superis, me gelidum nemus  
Nympharumque leues cum Satyris chori  
secernunt populo, si neque tibus  
Euterpe cohibet nec Polyhymnia  
Lesboum refugit tendere barbiton.  
35 Quod si me lyricis uatibus inseres,  
sublimi feriam sidera uertice.

Vale ressaltar que dos 8 (oito) tipos de metro diferentes, utilizados por Horácio nas 38 (trinta e oito) odes desse seu primeiro livro, a *Ode I* (em destaque) é a única em que o autor utilizou o asclepiadeu menor (verso, que admite três arranjos: um espondeu, dois coriambos e um pírico; ou um espondeu, um dátilo, uma sílaba longa e dois dátilos; ou um espondeu, um coriambo, e dois dátilos). Na ode cotejada predomina o verso asclepiadeu menor, do tipo: um espondeu, dois coriambos e um pírico:

Ex.: colle	gisse iuuat	metaque fe	ruidis
1	2	3	4
(—)	(—UU—)	(—UU—)	(UU)



o et prae	sidium et	dulce decus	meum.
1	2	3	4
(--)	(-UU-)	(-UU-)	(UU)

illum,	si proprio	condidit ho	rreo
1	2	3	4
(--)	(-UU-)	(-UU-)	(UU)

numquam	demouneas,	ut trabe Cy	pria
1	2	3	4
(--)	(-UU-)	(-UU-)	(UU)

Quod si	me lyricis	uatibus in	seres
1	2	3	4
(--)	(-UU-)	(-UU-)	(UU)

Certamente, tal observação constitui um dado importante quanto à colocação da conjunção na declaração, porquanto a respectiva posição pode ter sido motivada pela estruturação do verso. Isto é, a efetivação do verso asclepiadeu pode ter exigido do poeta tal colocação na declaração.

### 3.1. Sobre “*et*” e “*-que*”

Sobre essas duas conjunções, em princípio, pode-se constatar que tanto Dositeo (Cf. BONNET, *op. cit.*, p. 87) quanto Jules Marouzeau (Cf. 1949, p. 70 e 1953, p. 6) as consideram conjunções copulativas.

Ambos os autores também observam que o “*-que*” é uma partícula enclítica e, como tal, é usada sempre posposta e presa a uma palavra da declaração, da qual faz parte. Jules Marouzeau observa, ainda, que esse enclítico pode ser “encontrado até mesmo intercalado entre os elementos de um complexo, de modo a realizar uma tmese, como em: ‘*data deque dedicata*’ (LUCÍLIO, 997) ou ‘*conlaxat rareque facit*’ (LUCRÉCIO, I, 318)”. (MAROUZEAU, 1953, p. 70)

Em relação a “*et*”, que é menos antiga do que “*-que*” como conjunção copulativa, Jules Marouzeau afirma que se trata de um antigo advérbio, que preservou em numerosos casos o seu valor primitivo de

“mesmo, assim, também”, além da sua função semântico-sintática de ligação tão simplesmente.

Já Dosíteo não trata desse aspecto diretamente; porém, sugere que tal aspecto seja possível, quando afirma que a conjunção “*et*” tem o valor de “-*que*”, mas que difere desta, posto que ela não só se liga, posposta, a uma palavra, mas também pode precedê-la quando é geminada<sup>20</sup> (DOSÍTEO *apud* BONNET, *op. cit.*, p. 95).

Em Horácio, constatamos tais usos de “*et*” em três declarações:

*Maecenas atavis edite regibus,  
o et praesidium et dulce decus meum* (v. 1-2)

*Luctantem Icaris fluctibus Africum  
mercator metuens otium et oppidi  
laudat rura sui;...* (v. 15-7)

*Multos castra iuuant et lituo tubae  
permixtus sonitus...* (v. 23-4)

No primeiro exemplo, que é parte de um vocativo (“*Maecenas atavis edite regibus, o et praesidium et dulce decus meum*”), temos o que Dosíteo chamou de “geminada” ou “redobrada” (Cf. acima.) e, portanto, uma precede, e a outra pospõe (sem se prender como o “-*que*”). Nesse caso, funciona como um elemento de ligação e o seu valor se aproxima também daquele que Dosíteo (Cf. BONNET, *op. cit.*, p. 95) denomina “argumentativo” ou “causativo” (“*causalis*”).

No segundo exemplo, que é parte do complemento da flexão verbal “*laudat*”, constitui tão simplesmente um elemento de ligação, simples, já que liga “*otium*” a “*rura*” (de “*oppidi rura sui*”). O mesmo ocorre no terceiro exemplo, uma vez que o “*et*” apenas liga “*castra*” a “*sonitus*” (de “*lituo tubae permixtus sonitus*”), que, por sua vez, está ligado à estrutura “*bellaque matribus detestata*”, mas pelo enclítico “-*que*”, formando o enorme complemento da flexão verbal “*iuuant*”.

Nessa última declaração, contudo, o que salta os olhos de qualquer analista é a ocorrência de figuras de sintaxe, criadas pelo poeta: a disjunção causada pelo deslocamento simples de “*iuuant*” para a terceira posição após o Nominativo “*castra*” e o quiasmo feito com os deslocamentos de “*lituo*” e “*permixtus*”, disjungindo o grupo nominal “*tubae so-*

---

<sup>20</sup> “62. *Et coniunctio id ualet quod que; sed hoc differt quod haec non modo subiungitur, sed etiam praepositur, modo geminata.*”

nitus” (“*Multos castra iuuant et lituo tubae permixtus sonitus...*”). Decerto, tais figuras se fizeram necessárias à manutenção do metro utilizado pelo poeta.

Também constatamos na referida ode o uso de “-que” em três declarações:

*...metaque feruidis  
euitata rotis palmaque nobilis  
terrarum dominos euehit ad deos (v. 4-6)*

*Multos castra iuuant et lituo tubae  
permixtus sonitus bellaque matribus  
detestata. (23-5)*

*...me gelidum nemus  
Nympharumque leues cum Satyris chori  
secernunt populo... (v. 30-2)*

Em todos estes exemplos, temos o elemento de ligação enclítico, que se prende (*adjuge*) a uma palavra das respectivas declarações. Contudo, é mister lembrar que, no primeiro exemplo, “-que” parece ligar toda a oração que se inicia pelo Nominativo “*meta*” com a ideia da anterior.

Convém ressaltar, também, que, no último exemplo, o enclítico se adjuge ao genitivo “*Nympharum*”, o qual faz parte do grupo nominal “*Nympharum leues chori*”, mas que não é o termo que se liga a outro, senão por meio de “*cum*” (em “*cum Satyris*”) numa expressão de companhia.

Decerto, a adjunção ao primeiro termo do verso em vez de “*chori*” é motivada. Quiçá métrica, para a formação do asclepiadeu.

### 3.2. Sobre “*nec*” e “*neque*”

Essas conjunções são arroladas como disjuntivos por Dositeo (Cf. BONNET, *op. cit.*, p. 88) e por Jules Marouzeau (Cf. 1949, p. 82 e 1953, p. 72).

Ambos os autores se mostram lacônicos em relação aos disjuntivos em destaque: Dositeo limita-se a classificá-los tão somente, sem ao menos explicá-los. Jules Marouzeau, no entanto, faz algumas alusões à construção com “*nec*” (“*neque*”). O autor a compara com a de “*et*”, no que se refere à posição que ocupa na declaração. Diz ele que “em construções anafóricas, normalmente, o disjuntivo ocupa a segunda posição,

posposto a um adjetivo, que se encontra desunido de seu substantivo” (MAROUZEAU, 1953, p. 83). Acrescenta que “se encontra na terceira posição quando as duas primeiras palavras são estreitamente unidas pelo sentido e pela construção” (*Id., ibid.*, p. 83) e que “pode, ainda, ser afastado para além da terceira posição” (*Id., ibid.*, p. 83).

Na ode estudada, observamos tais usos de “*nec*” e de “*neque*” em duas declarações:

*Est qui nec ueteris pocula Massici  
nec partem solido demere de die  
spernit...* (v. 20-2)

*...si neque túbias  
Euterpe cohibet nec Polyhymnia  
Lesboun refugit tendere barbiton.* (v. 32-4)

No primeiro exemplo, em que os disjuntivos correlativos participam do complemento da flexão verbal “*spernit*” (“*qui nec ueteris pocula Massici nec partem solido demere de die*”), o disjuntivo é redobrado. Interessante é o paralelismo que o autor criou com uma estrutura nominal e uma estrutura verbo-nominal, como complemento do verbo.

No segundo, o disjuntivo “*neque*” é correlativo com “*nec*” do verso seguinte. Em combinação com o conjuntivo subordinante “*si*”, ambos os disjuntivos iniciam uma estrutura oracional subordinada.

### 3.3. Sobre “*quod*” e “*ut*”

As conjunções “*quod*” e “*ut*” não receberam nenhuma atenção de Dosíteo, que apenas arrolou entre as causais o “*quod*” e deixou de fora de suas 6 (seis) classificações o “*ut*”.

Contudo, quando trata dos seus usos e o modo verbal, ao qual as conjunções se adéquam, o autor tece um sintético comentário. Dosíteo observa que “*ut*” se adapta à forma finita de indicativo quando é empregado como “*quomodo*” (“como”); quando é empregado com o valor de finalidade, adapta-se ao optativo, e ao subjuntivo quando precede a forma verbal (Cf. BONNET, *op. cit.*, p. 93). Tal posicionamento sugere que Dosíteo reconhece ser o “*ut*” uma conjunção causal.

Jules Marouzeau foi ainda mais lacônico, pois nem ao menos se relacionou entre uma das suas 6 (seis) classificações. Porém, apresenta alguns exemplos ao tratar das conjunções de subordinação e relativos

(Cf. MAROUZEAU, 1953, p. 82) e muitos exemplos quando trata dos relativos e conjuntivos (Cf. *Idem*, 1949, p. 121). Nesse último subcapítulo, o autor lembra que “parece terem tais subordinantes ou conjunções subordinativas participado, em latim antigo, da construção das palavras acessórias e por isso, tendem a ocupar a segunda posição na declaração após a primeira palavra autônoma”<sup>21</sup> (Cf. *Idem*, 1953, p. 121). Acrescenta que “elas se tornaram mais incertas na época clássica, tendendo à posição inicial e, em particular, nas obras dos poetas, a recuar para o interior da declaração”<sup>22</sup> (Cf. *Idem*, 1953, p. 121-2).

Na ode estudada, encontramos apenas um uso de “*quod*” e outro de “*ut*” na seguinte declaração:

...*ut trabe Cypria*  
*Myrtoum pauidus nauta secet mare.* (v. 13-4)

*Quod si me lyricis uatibus inseres,*  
*sublimi feriam sidera uertice.* (v. 35-6)

No primeiro exemplo, a conjunção subordinada “*ut*” inicia uma oração subordinada com a forma verbal em optativo, ligando-a à anterior (“*Gaudentem patrios findere sarculo / agros Attalicis condicionibus / numquam demouneas...*”), para a qual expressa uma finalidade.

No segundo exemplo, “*quod*”, que mais se aproxima de ser uma partícula expletiva, passa a ser considerado uma conjunção, devido à sua combinação com “*si*”, que inicia uma oração de dúvida (condicional, na literatura sintática portuguesa), ligada à oração seguinte (“*Quod sublimi feriam sidera uertice.*”).

### 3.4. Sobre “*seu*” e “*si*”

Ambas as conjunções foram relacionadas entre as dubitativas em Dositeo (Cf. BONNET, *op. cit.*, p. 88).

Em Jules Marouzeau (1953, p. 70), a conjunção “*seu*” foi relacionada entre as disjuntivas, em cujos exemplos se pode observar a sua

---

<sup>21</sup> “(...) semblent avoir participé en latin ancien de la construction des mots accessoires; ils tendent à occuper dans la phrase la place seconde, après le premier mot autonome.”

<sup>22</sup> “(...) elles deviennent plus rares et plus incertaines à l'époque classique, où le subordonnant tend à quitter la place seconde, soit pour prendre la place initiale, soit, au contraire, en particulier chez les poètes, pour reculer plus loin vers l'intérieur de la phrase.”

ocorrência, e “*si*”, que não foi relacionado, supõe-se ser um elemento conjuntivo ou uma conjunção subordinante para ele, porquanto apresentou muitos exemplos com a sua ocorrência juntos com outros tantos exemplos de conjunções ou elementos conjuntivos como “*quod*”, “*cum*”, “*ut*” e tantos outros.

A única observação feita por Jules Marouzeau sobre o “*si*” é que, como conjunção subordinante, ocupa comumente a segunda posição na declaração, sempre posposta a uma palavra do tipo pronomine.

Já Dositeo, observou que “*si*” se adapta, às vezes, ao indicativo e outras vezes, ao subjuntivo; ao indicativo quando se entende que um ato foi realizado; e ao subjuntivo quando o assunto é submetido a condições e é incerto. O autor ressalta que Terêncio não obedeceu a esta regra, pois se utilizou de uma flexão verbal de indicativo numa declaração submetida a uma condição em *A Sogra*, 765.

Em Horácio, encontramos quatro ocorrências de “*si*” e apenas duas de “*seu*”.

*hunc, si mobilium turba Quiritium  
certat tergeminis tollere honoribus;  
illum, si proprio condidit horreo  
quicquid de Libycis uerritur areis. (v. 6-9)*

*...si neque túbias  
Euterpe cohibet nec Polyhymnia  
Lesboum refugit tendere barbiton. (v. 32-4)*

*Quod si me lyricis uatibus inseres (v. 35)*

*seu uisa est catulis cerua fidelibus,  
seu rupit teretis Marsus aper plagas. (v. 28-9)*

As duas estruturas oracionais introduzidas pela conjunção “*si*”, da primeira declaração, em paralelismo, constituem o que, em português, denomina-se “aposto distributivo”. Nelas, veem-se as conjunções subordinantes ou elementos conjuntivos, segundo Jules Marouzeau (ou conjunções dubitativas, segundo Dositeo), ocuparem a segunda posição na declaração pospostas a uma forma pronominal, que é o núcleo do aposto (“*hunc*”, na primeira estrutura e “*illum*”, na segunda) e exprimirem realmente uma dúvida ou uma condição.

No segundo exemplo, a conjunção “*si*” (dubitativa, conforme Dositeo, e subordinante, como o quer Jules Marouzeau) introduz a oração condicional (conforme literatura sintática do português), que se subordi-

na à precedente (“*me gelidum nemus Nympharumque leues cum Satyris chori secernunt populo...*”).

No terceiro exemplo, a conjunção “*si*”, combinada com o expletivo “*quod*”, introduz a oração condicional, que se subordina a que lhe sucede (“...*sublimi feriam sidera uertice.*”), ainda que “*quod*” seja considerada uma conjunção subordinante ou conjuntivo, como o quer Jules Marouzeau.

No último exemplo, por fim, veem-se as conjunções disjuntivas (segundo Jules Marouzeau) ou dubitativas (como o quer Dositeo), em paralelismo, iniciarem suas respectivas condicionais, em alternância, que se subordina à precedente (“*Manet sub Ioue frigido uenator tenerae coniugis inmemor...*”).

#### **4. Considerações finais**

Após a apresentação dos comentários críticos sobre o comportamento estilístico-sintático das conjunções contidas na *Ode I*, do *Liber I*, de Horácio, a partir dos conceitos de Dositeo em sua *Gramática latina*, acerca de tais elementos conjuntivos, em cotejo com o que discutiu Jules Marouzeau (1949 e 1953), conclui-se que se trata de um termo que se define a partir do seu relacionamento com outros termos de uma dada declaração.

Essa contextualização, baseada no relacionamento de cada uma das conjunções, destacadas da *Ode I*, do *Liber I*, de Horácio – escopo deste trabalho –, com os demais termos da declaração em que elas figuram, revelou-se conveniente e produtiva. Isto, porque a análise estilístico-sintática de tais conjunções comprovou serem aplicáveis as concepções dos estudiosos, que serviram de cotejo da pesquisa, a saber: Bechara (2002), Dositeo (*Apud BONNET*, 2005) e Jules Marouzeau (1949 e 1953). De fato, a conjunção é um elemento do discurso que tem a função de ligar e ordenar outros elementos de uma declaração, podendo exprimir ou garantir um sentido, mormente segundo a sua posição. Logo, constatamos a efetiva função das conjunções estudadas na ode horaciana, destacada.

Contatamos, também, que a lei primitiva que regia a construção das palavras acessórias não é, no texto-escopo, aplicável, pois a posposição à palavra inicial da frase não é obrigatória senão para o enclítico *-que*. Aliás, a tendência a ocupar outras posições mostrou-se, na ode analisada,

variável e de acordo com o emprego das respectivas conjunções, que sugere uma intenção estilística de Horácio.

Embora não seja a nossa pretensão esgotar o tema, esperamos ter alcançado o nosso objetivo de apresentar comentários sobre o comportamento estilístico-sintático das conjunções destacadas, que possam sugerir reflexão dos leitores, e de atestar a aplicabilidade dos comentários científico-didáticos e doutrinários de Dositeo.

Certo da complexidade do tema e da necessidade de uma análise mais aprofundada a partir da análise das obras de outros autores latinos, julgamos ser o presente trabalho uma contribuição para os interessados no assunto, sobre o qual muito ainda há para se pesquisar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLDRINI, Sandro. *La prosodia e la métrica dei romani*. Roma: Carocci, 2001.
- BOTELHO, José Mario. *Pequeno dicionário de latim-português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Botelho, 2014.
- DIVINE, Andrew M.; STEPHENS, Laurence D. *Latin word order: Structured meaning and information*. New York: Oxford University Press, 2006.
- BONNET, Guillaume (Ed. e Trad.). *Dosithée: grammaire latine*. (Collection des Universités de France publiée sous le patronage de l'Association Guillaume Budé). Paris: Les Belles Lettres, 2005.
- GARCIA, Janete Melasso. *Introdução à teoria e prática do latim*. 2. ed. Brasília: UnB, 2000.
- HEREDIA, Andrés Gomez. Introducción a los principales fenómenos sintáctico-estilísticos en latín. *Cuadernos de Filología Clásica*, vol. XX (1986-87). Madrid: Fd Universidad Complutense, 1986.
- MAROUZEAU, Jules. *L'ordre des mots dans la phrase latine*, vol. III. Les Articulations de l'énoncé. Paris: Les Belles Lettres, 1949.
- \_\_\_\_\_. *L'ordre des mots en latin*, volume complémentaire. Paris: Les Belles Lettres, 1953.



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. *Traité de stylistique latine*. 10. ed. 5. tir. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

PINKSTER, Harm. *Sintaxis y semántica del latín*. Trad. por M. E. Torrego e J. de la Villa. Madrid: Clásicas, 1995.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.